

## ENTREVISTA/JOSÉ ARBEX JÚNIOR

## Situação da Amazônia preocupa

GÉRSO SEVERO

Correspondente da "Folha de S. Paulo" em Nova York e Moscou e da rede de televisão inglesa BBC, o jornalista José Arbex Júnior, 42, tem uma larga experiência no jornalismo internacional e durante sua participação na 13ª Semana de Comunicação da Universidade do Amazonas (UA), encerrada na sexta-feira, ele alertou para a necessidade de os brasileiros discutirem melhor a situação da Amazônia, que em

sua avaliação vive sob o risco da internacionalização. "Você não encontra isso em nenhum documento, mas essa foi a pauta oficiosa da ECO-92. Todos falavam disso", contou, lembrando seu trabalho na cobertura da Conferência das Nações Unidas Para o Meio Ambiente realizada em 1992, no Rio de Janeiro, e que contou com a presença de mais de cem chefes de Estado.

Autor de mais de 30 livros (sozinho ou em parceria), Arbex Júnior deixou de trabalhar na grande imprensa exatamente

após a ECO-92 e desde então se dedica a projetos independentes como o atual na revista "Caros Amigos", uma espécie de refúgio de universitários e intelectuais brasileiros, que é feita em parceria com jornalistas como Aloisio Biondi e Sérgio Souza. "Ela não nasceu destinada a esse público, mas acabou abocanhando esse público", brinca.

Antes de embarcar no tradicional tour Amazônico pelos rios, Encontro das Águas e Ariau Tower, Arbex concedeu a seguinte entrevista onde falou (pouco) de Amazônia,

## JORNALISTA DIZ QUE O RISCO ESTÁ NA INTERNACIONALIZAÇÃO

**A CRÍTICA** – Durante sua palestra na Semana de Comunicação, o senhor não quis se aprofundar nas questões que envolveram a Amazônia. Por quê?

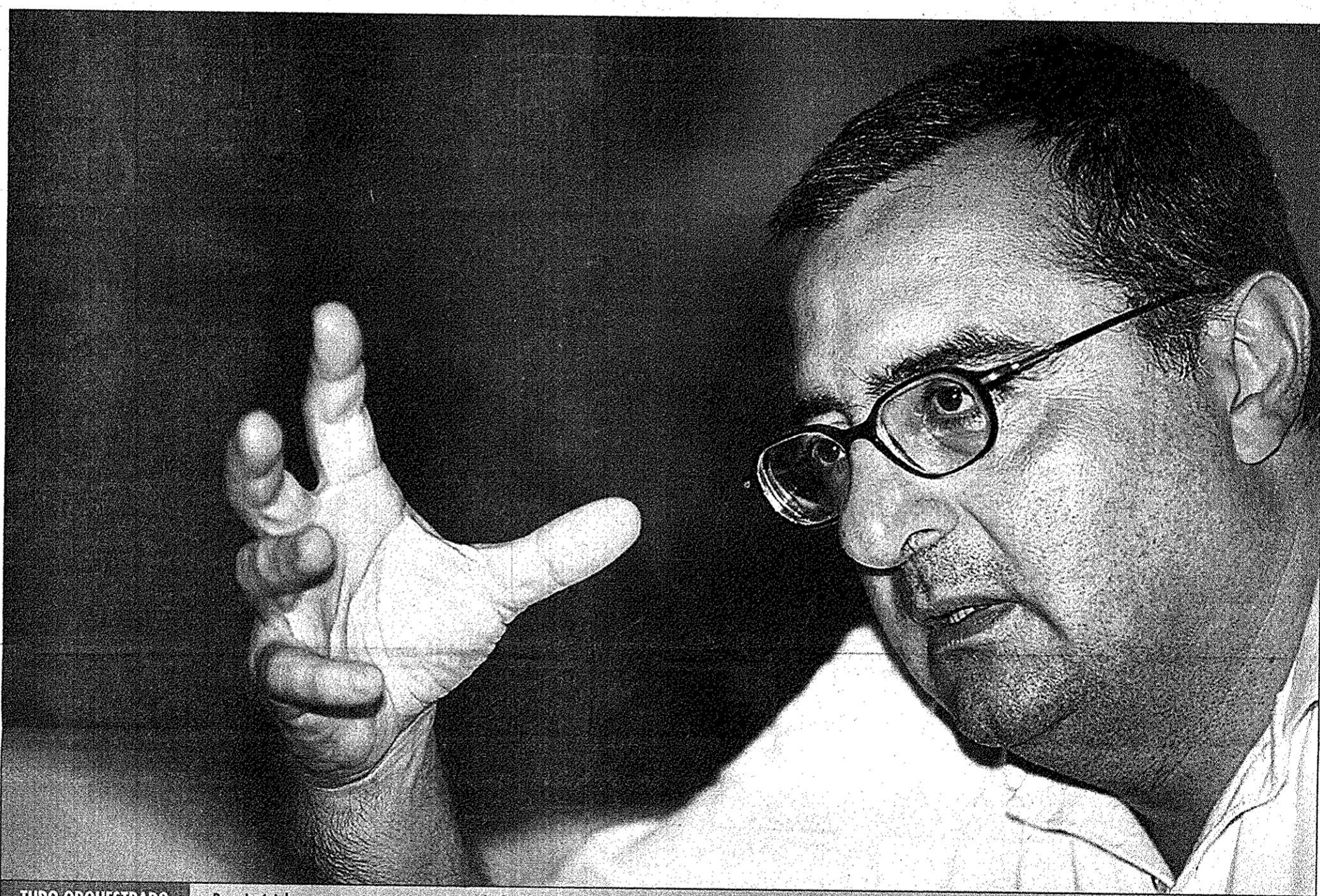
**José Arbex Júnior** – Eu não sou especialista no assunto e acho que pela importância dessa região seria necessário se fazer um seminário exclusivo só sobre a Amazônia. Portanto, seria muito cômodo para mim falar meia dúzia de frases de efeito aqui e agradar todo mundo, mas não ia fazer isso.

**AC** – Questionado pelo secretário municipal de Comunicação, o jornalista Paulo Castro, sobre o preconceito da mídia em relação à região, o senhor tocou em pontos polêmicos como a internacionalização da região e a real existência do preconceito. Por que a Amazônia não influencia na pauta da grande imprensa?

**JAJ** – Na ECO-92 existia uma pauta oficiosa, trabalhada nos corredores, que era a internacionalização da Amazônia, que, com a Sibéria, é a última fronteira não explorada pelo homem. O tratamento que a mídia dá a essa região tão importante é ridículo, mas é bom saber que ele foi orquestrado fora do País. Uma orquestração, aliás, que foi assumida pelo governo brasileiro do presidente Fernando Henrique Cardoso, mas defende os interesses dos países ricos, sobretudo os Estados Unidos. Existem declarações oficiais de autoridades americanas dizendo que a Amazônia é vital para a economia americana. O escritor Noah Chomsky, por exemplo, veio ao Brasil participar de um seminário da FAO e disse claramente que os Estados Unidos tiram anualmente US\$ 48 milhões da Amazônia em farmacopéia, sem pagar nada por isso, e o governo brasileiro não faz nada. É assim que a Amazônia é tratada.

**AC** – O senhor bateu forte na mídia brasileira, acusando-a de atrelamento ao poder. Qual a saída para essa situação e como o consumidor de mídia pode escapar desse discurso hegemônico?

**JAJ** – A mídia está colonizada pelas corporações. Não é independente, é totalmente subordinada ao capital. Nesse sentido é até inimiga da democracia. A solução é a proliferação de pequenas mídias que fujam desse esquema e reproduzam um discurso que não é esse do neoliberalismo. O público também precisa mudar e se dispor a dialogar, debater e conversar. Uma das coisas que mais me assustou passeando por Manaus é que nos bares, onde as pessoas iam para conversar e trocar idéias, sempre existe uma televisão des-sas grande e todos ficam assistin-



TUDO ORQUESTRADO

Para José Arbex, que participou semana passada da Semana de Comunicação da UA, a mídia dá um tratamento 'ridículo' à Região Amazônica

do. Qual o sentido disso, sair de casa para assistir televisão com os amigos em um bar?

**JAC** – Dentre essas pequenas mídias, qual a função da Internet (a rede mundial de computadores)?

**JAJ** – A Internet tem um papel de mídia independente muito importante. Veja que os guerrilheiros de Chiapas (no México) romperam o cerco armado pela grande imprensa mundial usando a Internet para denunciar o massacre que estava acontecendo ali, patrocinado pelo governo mexicano. Agora em um movimento das grandes corporações com o objetivo de torná-la um condomínio fechado, um grande shopping comercial. A sociedade precisa combater isso, pois a Internet tem um papel importante na divulgação das causas sociais de todos os países do mundo.

**AC** – A Semana de Comunicação deixou bem claro que existe um discurso hegemônico, o neoliberalismo, assumido por governo, mídia e intelectuais. Como foi possível cairmos nessa armadilha do pensamento único e qual a saída que o senhor vislumbra para o problema?

**JAJ** – Para entender como o neoliberalismo se constituiu como pensamento único, é preciso lembrar que ele é o discurso do vencedor da guerra fria. No final da década de 80 e início da de 90, com a queda do socialismo real, a humanidade ficou ansiosa para entender para onde ia o mundo e a sociedade. Muita gente se apressou em responder e houve uma estratégia de algumas instituições ligadas ao neoliberalismo para ocupar o espaço vazio deixado pelo socialismo. Agora para se opor ao neoliberalismo, a saída que vejo são formas de pensamento não tradicionais existentes em

organizações não-partidárias, mas políticas. São organizações que ninguém controla, como, por exemplo, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e os guerrilheiros de Chiapas. Elas vão oferecer soluções e alternativas para o neoliberalismo.

**AC** – O livro de maior sucesso no momento é o "Notícias do Planalto", do jornalista e ex-editor da revista "Veja", Mário Sérgio Conti, onde ele defende a tese de que a eleição do presidente Fernando Collor, em 1989, foi uma invenção muito mais dos jornalistas do que dos donos dos meios de comunicação, como se acreditava. Como o senhor vê essa tese?

**JAJ** – Esse jornalista participou da mesma organização política que eu durante a ditadura militar e no artigo que fiz para a revista "Caros Amigos" sobre o livro, deixei claro que ele tem um erro grá-

víssimo para o entendimento da história, que é não mostrar o relacionamento íntimo entre o Roberto Marinho (dono das Organizações Globo) e a ditadura militar. Sem fazer isso, o livro não é nada.

**AC** – Por que o senhor critica tanto as elites e os intelectuais brasileiros?

**JAJ** – O Brasil é uma invenção permanente de suas elites mal informadas. Nunca houve aqui uma ruptura da ordem política e isso é culpa dos intelectuais. O desafio do País é formar uma elite de intelectuais brasileiros, livres da influência do pensamento americano ou europeu.

**AC** – Para finalizar, como é essa experiência de trabalhar numa revista independente como é a "Caros Amigos"?

**JAJ** – A "Caros Amigos" surgiu há três anos formada por um gru-

po de amigos jornalistas que estavam cansados desse discurso único veiculado pela grande imprensa. Ela só funciona porque é assim, ninguém ganha salário, não tem grandes anunciantes, mas lá podemos escrever o que quisermos. A renda da revista só dá para pagar a impressão e a circulação, mas todos sabem bem disso e continuam na revista porque acreditam nesse projeto de oferecer uma revista diferente. Lá tem gente como o Aloisio Biondi, que ao mesmo tempo em que o Delfim Neto assinava o AI-5, ele o acusava de vender o patrimônio nacional. Tem o Sérgio Souza, que na década de 60 editou a revista "Realidade", a melhor daquela década. Enfim, é um grupo que não está mais a fim de trabalhar com o discurso único, tanto que nas nossas reuniões de pauta dá a maior briga.